

13 Dezembro 2010



Sementes. Valor Capital

MUDE. Museu do Design e da Moda Coleção Francisco Capelo

18 Dezembro 2010 - 20 Março 2011

Depois de terem guardado dinheiro e riquezas várias durante mais de 50 anos, os antigos cofres do Banco Nacional Ultramarino, actualmente propriedade da CML/ MUDE, recebem no próximo dia **17 Dezembro**, às **18h30**, um bem vivo de toda a Humanidade, um valor capital do qual depende a própria sobrevivência das espécies - AS SEMENTES.

O MUDE abre assim ao público a sala dos antigos cofres, apresentando 500 variedades de sementes agrícolas plantadas em Portugal, tratando-se de uma oportunidade de conhecer melhor esta riqueza e de perceber um pouco melhor o design que a natureza nos legou.

Compreender a importância das sementes é lembrar que estiveram na origem da agricultura e dos primeiros povoados sedentários, da escrita, do cálculo e da aritmética. Entendidas como dote de casamento em tempos passados, serviram também de moeda nas transações comerciais.

Numa altura em que se fala cada vez mais em bancos de sementes, agricultura biológica, salvaguarda da biodiversidade vegetal e agricultura urbana, *Sementes. Valor Capital* encerra o Ano Internacional da Biodiversidade. Produzida em colaboração com o Instituto Superior de Agronomia, o Banco Germoplasma Vegetal e a Associação Colher para Semear que constituíram a sua comissão científica, esta exposição espera contribuir para a sensibilização e consciencialização do público em relação a temática da biodiversidade.

SEMENTES, VALOR CAPITAL

18.12.10 | 20.03.11

Durante mais de 50 anos guardaram numerário e riquezas, memórias e outros valores pessoais. Nos 3552 cofres de aluguer residiram outras tantas histórias de vida. Gerações e gerações através das quais se poderia também contar a nossa história recente. Construídos pela CHUBB com todos os requisitos de segurança, sofisticação e elegância (marcas distintivas desta prestigiada firma inglesa), as casas-fortes foram desenhadas especificamente para este local por ocasião das obras de modernização realizadas para celebrar o centenário do Banco Nacional Ultramarino, em 1964. Com recepção e vestíbulo, salas individuais para consulta dos locatários, tectos em painéis de aço inoxidável com iluminação encastrada, sistema de ventilação autónomo, fechaduras com combinação, mobiliário específico e caminho de ronda, este é um lugar absolutamente singular a nível internacional, um exemplo de bom design a preservar na sua integridade e que abrimos agora ao público, pela primeira vez, tornando-o acessível a toda a cidade e a quem a visita.

Os cofres recebem agora um património vivo de toda a Humanidade, um valor capital do qual depende a própria sobrevivência das espécies: AS SEMENTES. Compreender a importância das sementes é recordar que estiveram na origem da agricultura e dos primeiros povoados sedentários, da escrita e do dinheiro, do cálculo e da aritmética. Entendidas como dote de casamento em tempos passados, serviram também de moeda em transações várias. Na verdade, o processo de domesticação de plantas e animais representou uma das principais

inovações na história do Homem, com profundas repercussões socioculturais.

Hoje, com as pesquisas científicas de melhoramento vegetal, as alterações climáticas do planeta e a manipulação genética, fala-se cada vez mais em bancos de sementes, sistemas de produção diversificados, perigo de erosão genética, salvaguarda da biodiversidade vegetal, impacto negativo dos alimentos transgénicos, agroecologia e agricultura urbana... Importa estar atento e reflectir sobre estes e outros assuntos correlacionados. Neste contexto, o MUDE apresenta 500 variedades de sementes plantadas em Portugal, oferecendo uma oportunidade única de conhecer melhor esta riqueza cultural e o design que a natureza nos foi legando. Fazemo-lo enquanto instalação, tirando partido da forte personalidade deste lugar e sem recurso a notas mais ou menos explicativas.

As SEMENTES têm também uma presença central no painel *Epopéia dos Descobrimentos Marítimos* da autoria do pintor Guilherme Camarinha (1913-1994), na escadaria de acesso aos cofres. Cereais e outros produtos de origem agrícola testemunham esse primeiro momento de troca comercial à escala global que os Descobrimentos representaram. Neste painel em *Mosaici Donà*, Camarinha sublinha a diáspora enquanto encontro de culturas e religiões, ensinamento e pregação, saber e palavra. E fá-lo com uma grande qualidade compositiva, com particular atenção ao ritmo e ao discurso narrativo, sugerindo a simultaneidade de diferentes tempos em diferentes lugares. Produzidos em Murano pela família Donà desde 1926, os *Mosaici Donà* distinguem-se pela sua raridade. Utilizando técnicas de fabrico de vidro antigo e métodos manuais em todas as fases de produção, conseguem uma grande variedade de cores, vidros transparentes e azulejos esmaltados a ouro. Neste painel, Camarinha recorre a uma técnica ainda mais exclusiva (*Mosaici Donà Bizantino*) em virtude das peças de vidro opaco não serem perfeitamente rectangulares, havendo mesmo alguns triângulos ocasionais de espessura, forma, tamanho e cor diferentes. Este painel é muito representativo da obra de Camarinha que, a partir de finais dos anos 50, passou a dedicar-se, sobretudo, à arte mural onde trabalhou sobretudo temas alegóricos e históricos, em diferentes técnicas tradicionais como vitral, fresco, mosaico e tapeçaria monumental (deve-se a ele a renovação desta técnica decorativa, em articulação com a Manufatura de Tapeçarias de Portalegre). As inúmeras encomendas oficiais que recebeu destinavam-se sobretudo a Tribunais e Palácios de Justiça, Câmaras Municipais, Universidades e Embaixadas Portuguesas. Este painel fazia parte de um vasto conjunto de obras de arte e artes decorativas que Cristino da Silva integrou em estreita harmonia com a arquitectura. Para além de Camarinha, colaboraram neste edifício Leopoldo de Almeida (autor dos altos-relevos que ladeiam a entrada), Martins Barata (autor de um painel policromado sobre

o Fomento Ultramarino e a Metrópole), Tabela de Sousa e António Cristina Silva (autores de um painel que simbolizava as Principais Actividades do Fomento Ultramarino).

Esta exposição encerra o Ano Internacional da Biodiversidade e foi produzida em colaboração com o Banco Português do Germoplasma Vegetal, a Associação Colher para Semear e o Instituto Superior de Agronomia, que constituíram a sua comissão científica. Com SEMENTES procura-se contribuir para a sensibilização e consciencialização do público em relação à biodiversidade e à preservação deste VALOR CAPITAL que é também sinónimo de *origem* e de *nascimento* pela sua capacidade de germinar, de gerar vida.

Bárbara Coutinho
Directora